

MEMÓRIA, HISTÓRIA, LITERATURA, ARTES

ENTRE BECOS E MEMÓRIAS: UM DIÁLOGO FICCIONAL-HISTÓRICO À LUZ

DE BENJAMIN

Camila Rossi

Universidade São Francisco – USF

rossic977@gmail.com

Gabriely Lolli de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas

g.briely@gmail.com

Resumo

O propósito deste estudo é analisar a obra "Becos da Memória" (2017) da escritora mineira Conceição Evaristo. Nossa abordagem visa explorar as intersecções entre a escrita histórica e a literatura ficcional, além de examinar os fundamentos da memória que permeiam a trama. Buscaremos, traçar pontos para identificar um potencial diálogo entre o romance e os conceitos filosóficos de Walter Benjamin.

Começamos considerando a convergência entre estudos literários e historiográficos, conforme sugerido por Chartier (2001). Reconhecemos que tanto narrativas ficcionais quanto históricas compartilham elementos na representação da realidade, embora possuam naturezas distintas. Seguimos a perspectiva de Le Goff (1990) ao destacar o documento como um reflexo das dinâmicas de poder na sociedade.

A literatura, enquanto registro da experiência humana ao longo do tempo, revela-se valiosa para o historiador ao capturar nuances frequentemente negligenciadas por outras fontes. É um produto sociocultural carregado de historicidade. Assim, é crucial para o historiador contextualizar as fontes literárias, especialmente as ficcionais, considerando diversos fatores como concepção, produção, recepção, contexto temporal, geográfico, influências do autor e desafios editoriais, a fim de compreender a realidade que a obra retrata em seu contexto (CHARBEL, 2015). Nesse sentido, avançamos na tentativa de contextualizar o romance de Conceição Evaristo objeto desta análise.

"Becos da memória" traz a história de Maria - Nova, uma jovem de treze anos, que testemunha o processo de desfavelamento em sua comunidade. Ela busca narrar e explorar os dramas, sentimentos e pensamentos das diversas personagens que habitam os becos da favela, incluindo Vó Rita, Maria Velha, Tio Totó, Negro Alírio, entre outros. O livro não se limita à

pura ficção nem se confina à realidade estrita; encontra-se numa zona intermediária, capturando o que a ficção percebe do real e como o real reconfigura-se a partir do imaginado. Essa interação entre ficção e realidade estende-se também à personagem Maria-Nova, que pode ser interpretada como uma projeção da própria Conceição Evaristo.

Portanto, a narrativa do livro de Evaristo se baseia na evocação de um passado compartilhado com antepassados e colegas da favela, destacando a importância da memória individual e coletiva. Essas memórias contrastam com a narrativa oficial, que geralmente negligencia a realidade das comunidades negras e pobres.

Neste ponto, nosso objetivo é analisar personagens de Evaristo como representações de conceitos de Benjamin e Bloch, a saber: esperança, história-contrapelo e tempos não contemporâneos. Reconhecendo que o passado é matéria da imaginação (RENNÓ, 2012 apud MAUD, 2016), esta abordagem busca estabelecer um diálogo entre ficção e história através da lente da teoria de Walter Benjamin.

Walter Benjamin e Ernst Bloch compartilham ideias similares sobre a dinamicidade do passado, que pode ser revisitado, revivido e recontado. Essa percepção é fundamental para compreender que, até meados do século XX, a historiografia tendia a privilegiar os vencedores, deixando os vencidos frequentemente sem registro na chamada "história oficial". No entanto, fora dos círculos acadêmicos, os vencidos não apenas têm o direito a seu passado, mas também registraram suas experiências de maneiras que transcendem os métodos tradicionais da historiografia.

Apesar da publicação tardia de seus escritos, Benjamin já compreendia desde os anos 20 que a responsabilidade do historiador é captar outras histórias, desafiando a história oficial. Desta forma, os seus escritos se tornam de importância para repensar não apenas a história em si que está sendo contada na obra de Evaristo, mas também, refletir ao passo que uma história dita ficcional, traz uma escrita quase autobiográfica do que um dia foi a vida de Evaristo e as narrativas de pessoas que não teriam a chance de contar as suas histórias.

A história de Tio Tótó é marcada pela memória dolorosa do dia em que sua esposa e filha foram levadas pelo rio ao tentarem fugir da escravidão na fazenda. A lembrança assombra-o nos momentos de perigo, interrompendo a continuidade da história a cada perda. A esperança de resgatá-las perdura por 80 anos, mas com o desfavelamento iminente, essa esperança é levada pelas águas do rio. No entanto, sua vida é imortalizada em Maria-Nova, e sua morte se torna matéria-prima para desafiar a narrativa histórica convencional.

A esperança desse personagem ecoa na tradição da esperança dita por Bloch e Benjamin, uma força que persiste no passado e é resgatada para vislumbrar e moldar uma utopia futura. A esperança surge do que podemos imaginar e compreender, enraizada em nossa familiaridade, memória e história. Mesmo diante de desafios como derrotas e perdas, ela persiste, alimentada pelas experiências vividas, como desfavelamentos e a impossibilidade de atravessar o rio no presente.

Dessa forma, Negro Alírio tem um papel messiânico nos Becos da Memória, não como salvador, mas como um revolucionário que inspira esperança nos momentos difíceis, sendo um construtor da vida. Portanto, é crucial acreditar fervorosamente que a história pode seguir caminhos diferentes, e são as pessoas que sofrem que podem mudar esses caminhos. Ele sabia que encontraria seus camaradas de luta em qualquer lugar: se não estivesse no trabalho no cais, estaria na favela e, de fato, estava presente na eternidade que ecoava em Maria-Nova (EVARISTO, 2017).

Maria-Nova absorvia cada história de Bondade e Tio Totó, percebendo que não eram apenas quadros estáticos, mas narrativas vivas prontas para serem revividas. Essa sensibilidade reflete uma virtude essencial para o historiador. No capítulo sobre "História como Compreensão" do livro "Doze Lições sobre a História", o historiador Antoine Prost ressalta, em consonância com os pensamentos de Lucien Febvre e Marc Bloch, que o bom historiador pode se assemelhar com o bicho-papão, pois ao farejar carne humana, identifica ali a sua caça (BLOCH, 1960 apud PROST, 2008).

Este trecho estabelece um paralelo com um elemento fundamental da teoria histórica de Benjamin: o método dialético. As histórias de Maria-Nova combinavam esperança em momentos de tristeza ou alegria, sem serem puramente de derrota ou glória. Sua esperança influenciava suas conclusões, refletindo uma melancolia revolucionária que transforma distopias em utopias. No fim das contas, parte de Maria-Nova vive em Conceição Evaristo, trazendo consolo ao ver sua missão de preservar a memória cumprida. Agora, sua história ecoa nos leitores, perpetuando-se. Essa ideia também inspira historiadores a criar narrativas que contemplem o futuro, em vez de focar apenas no progresso ou no fim do mundo.

A teoria de Benjamin, nos entremeios da análise aqui realizada, reforça para nós a visão da narrativa, tanto ficcional quanto histórica, como um organismo em constante movimento. Ela nasce, é desenvolvida e repassada adiante, sendo uma parte válida e necessária das formações dos sujeitos. Para quê e para quem se narra? Segundo Benjamin

(2008), com fins de identificar os fios narrativos que nos levam à continuidade histórica, narramos pois estamos vivos, somos os que “venceram”; e o “cortejo” que fazemos dos despojos é o que chamamos de bens culturais.

Devido a isso, as narrativas carregam concepções transformadoras, de ações e de sentidos, selando um compromisso com o registro em si, não apenas com o que foi formalmente dito, nos levando a olhar para além da obviedade (FERREIRA, 2014). À medida que o narrador incorpora suas próprias vivências, assim como as experiências dos outros ao seu redor, ele cria um produto derivado de sua memória, capaz de transformar as perspectivas daqueles que as testemunham, em um ciclo que se renova a todo instante.

Palavras-chave: Narrativa; História; Conceição Evaristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **O anjo da história**. Organização e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BLOCH, Ernst. Contribution à la métaphysique de ce qui en nous est l’obscur, le plus conscient, le non-encore-conscient, le problème inconstructible du nous. [**Contribuição à metafísica do que em nós é o obscuro, o mais consciente, o ainda-não-consciente, o problema inconstutível do nós**]. In: L’esprit de l’utopie [**O espírito da utopia**]. Paris: Éditions Gallimard, 1977. (p.229-247).

_____. Transition en forme de résumé : la non-contemporaineté et le devoir de la rendre dialectique. [**Transição em forma de resumo : a não-contemporaneidade e o dever de torná-la dialética**]. In: Héritage de ce temps [**Herança desta época**]. Traduit de l’allemand par Jean Lacoste. Paris: Payot, 1978. (p.102-116).

CHARBEL, Felipe. **O historiador face à ficção**. In: MEDEIROS, Bruno Franco; SOUZA, Francisco Gouveia de; BELCHIOR, Luna Halabi; RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus H. F. (orgs.). *Teoria e historiografia: debates contemporâneos*. Jundiaí: Paco Editorial, p. 19-37.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

FERREIRA, Luciana Haddad. Educação estética e prática docente: exercício de sensibilidade e formação. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2014.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: EdUNICAMP, 1990.

MAUAD, Ana Maria. “O passado em imagens: artes visuais e história pública.” In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo. (Orgs.). **História Pública no Brasil. Sentidos e Itinerários**. São Paulo: Letra & Voz, 2016, p. 87-96.

PROST, Antoine. A história como compreensão. In: **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.(p.133-153).

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Palestra proferida na Conferência Internacional Haunting Memories. History in Europe after Authoritarianism., Budapeste, 2003.